

HISTÓRIA DA RECONQUISTA DE MIRANDELA

MEC/SEF/UFBA



ACERVO MARI

MDI 226

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministério da Educação
Paulo Renato Souza

Secretário Executivo
Luciano Oliva Patrício

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministério da Educação
Paulo Renato Souza

Secretário Executivo
Luciano Oliva Patrício

HISTÓRIA DA RECONQUISTA DE MIRANDELA



História a Várias Vozes

MEC / SEF / UFBA
Brasília - DF 2000

Secretária de Educação Fundamental:

Iara Glória Areias Prado

Diretor de Política da Educação Fundamental:

Walter Kiyoshi Takemoto

Coordenadora Geral de Apoio às Escolas Indígenas:

Ivete Maria Barbosa Madeira Campos

Endereço:

MEC/SEF/DPEF

Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas

Esplanada dos Ministérios Bloco "L" Sala 626

CEP: 70.047-900 - Brasília/DF

Tel: (61) 410 8630/410 8997

Fax: (61) 410 9274

e-mail: cgaei@séf.mec.gov.br

História da reconquista de Mirandela : história a várias
vozes / Organização Clélia Neri Cortês, Erimita Motta.— Brasília :
Universidade Federal da Bahia, 2000.
31 p. : il.

1. Cultura indígena - Bahia. 2. Educação escolar indígena
- Bahia. I. Cortês, Clélia Neri. II. Motta, Erimita. III.
Universidade Federal da Bahia. IV. Brasil. Ministério da
Educação.

Organização

Clélia Neri Côrtes
Erimita Motta

Colaboração

Jean Lacrevez
Margarida Motta

Capa

"Começo da História: Roca Indígena
Kiriri" - Desenho: Juciene Santos da Silva
Criação/finalização: Rose Vermelho

Ilustrações

América Jesuína Kiriri

Fotos

Clélia Côrtes, Doralice Ferrari, Eduardo
Almeida, Phillippe Vialles e Vitor Wenas

Criação e Editoração Eletrônica

Rose Vermelho

Produção

Dóris Serrano

Esta publicação é resultado do Curso de Formação para o Magistério Indígena, promovido pela Universidade Federal da Bahia - Núcleo de Currículo, Comunicação e Cultura da Faculdade de Educação e Rede Cooperativa de Pesquisa e Intervenção em Currículo e Trabalho - Instituto de Ciências da Informação, Universidade do Estado da Bahia e Fundação Nacional do Índio, com o apoio do Ministério da Educação, recomendada pelo Comitê de Educação Escolar Indígena no âmbito do Programa de Promoção e Divulgação de Materiais Didático-Pedagógicos para Escolas Indígenas.

SUMÁRIO

Apresentação	5
O Caboclo da Tirana	7
<i>Andrelina Kiriri</i>	
Carta dos Professores Kiriri	10
História Ilustrada	17
<i>América Jesuína Kiriri</i>	
Datas na História da Nação Kiriri (1549-1995)	26
<i>Jean Lecravaz</i>	
Bibliografia disponível sobre os Kiriri	30

APRESENTAÇÃO



A história da reconquista de Mirandela é uma história que tem suas raízes no século XVI, quando colonizadores portugueses invadem suas terras. Em 1700, através de um alvará régio, foi doado aos Kiriri um território de 12 300 ha, o equivalente a uma légua em quadra, em forma de octógono, configurado na segunda capa desse livro, composição dos professores Kiriri. No decorrer de mais de dois séculos, esses índios viram suas terras passarem para mãos de brancos, sua língua e parte de seus traços culturais desaparecerem. O confronto entre o povo Kiriri e a sociedade envolvente, entretanto, agudiza-se a partir de 1970, quando os Kiriri buscam sua reafirmação étnica e sua identidade lutando pela retomada de seu território.

O texto que ora publicamos provém de uma carta escrita a Clélia Cortes pelos professores Kiriri sobre a reconquista de Mirandela, em junho de 1995, ainda sob o impacto dos fatos. Desenvolvendo uma pesquisa-ação, ela realizou um trabalho sobre educação entre os Kiriri que constituiu sua tese de mestrado, *Educação é como o vento: os Kiriri por uma educação pluricultural*, apresentada em dezembro de 1996 na Faculdade de Educação da UFBA. Essa carta foi o primeiro texto escrito pelos professores Kiriri sobre sua história e oportunidade privilegiada para eles atuarem como pesquisadores que vivenciaram os próprios acontecimentos. Em abril de 1996, a professora Kiriri, América Jesuína da Cruz Batista relatou, também, a reconquista da aldeia central dos Kiriri, em desenhos.

O texto original da carta é publicado aqui apenas alterada a disposição das linhas no papel, de forma a evidenciar o seu ritmo. Os desenhos da professora América ilustram e completam o relato.

Durante o ano de 1997, Erimita Motta e Jean Lacrevez tiveram encontros quase mensais com os professores Kiriri, a pedido deles, participando do seu processo de construção da escola pública Kiriri. Nesses encontros, eles revelavam a necessidade de dispor de material didático que expresse a cultura de seu povo e que traga para a sala de aula sua história, sua geografia e suas riquezas naturais. Demonstraram, então, o desejo de retomar a carta sobre a reconquista de Mirandela e lhe dar a forma do português oficial, trabalho que foi concretizado com a participação de todo o grupo. De posse desse texto digitado, alguns professores o utilizaram em suas classes. América contou que alunos seus comentaram com interesse a leitura de parte de sua história.

Os Kiriri não só reivindicam a reafirmação étnica de sua nação como têm apoiado os processos de reafirmação étnica de outros povos indígenas. E é nessa linha de atuação, que os professores Kiriri reivindicaram um curso para formação de professores indígenas na Bahia, no qual eles, os Tuxa, Pankarará, Xukuru Kariri, Pataxó, Pataxó Hã-Hã-Hã, Kaimbé, Kantaruré e Pankaru se engajam como pesquisadores de diversos aspectos sócio-culturais de seu povo e de outras sociedades indígenas e não indígenas.

Salvador, 15 de novembro de 1999

Clélia Côrtes, Erimita Motta e Jean Lacrevez

O CABOCLO DA TIRANA*

Andrelina Kiriri



Tem sonho que é sonho. E tem o “causo”. Se a gente amanhecer lembrando de um sonho como quando uma pessoa chega junto da gente e conta um caso, aquilo ali não é um sonho. É um “causo”.

Eu vou contar toda uma história de quando nós estávamos para sofrer aqui. Que inocência a minha! Eu não sabia de nada. Nós nem imaginávamos que íamos andar assim, trabalhando nessas lutas, sofrendo. Estávamos sossegados lá nas matas.

De noite, eu estava dormindo; estava sonhando. Tinha uma mata e eu andava nessa mata, quando avistei uma árvore muito linheira e fina. Quando eu olhei para cima, tinha um sapo sentado no galho da árvore, virado para cá, para o lado da Mirandela.

Aquele sapo, aqueles olhões batendo! Aí eu fiquei abismada: olhava para a árvore, a árvore linheira e fina. Imaginei: como este sapo subiu aí? Fiquei olhando e ele sentado lá. Como aquele sapo tinha subido na árvore? Sapo não sobe em árvore, não é? Ele só vive de cócoras no chão. Quando eu estou assim olhando para ele, admirada, olhava para a árvore e olhava para ele lá sentado, desceu outro vivente de outra

árvore ali perto. Eu o vi descer. Quando eu olhei, era um camaleão. Um camaleão descendo da árvore. Ele desceu e veio para o pé da árvore em que o sapo estava.

Quando o camaleão chegou, se eu já estava admirada, abismada do sapo lá em cima, minha admiração foi maior quando ele chegou ao pé da árvore, agarrou-a e bateu assim: tam-tam-tam. E disse: eh rapaz, desça. Desça que já passou a hora de perigo. Não corre perigo mais não. Aí o sapo pinotou no chão.

Quando eu vou olhar, se eu já estava admirada, já estava abismada, ainda mais fiquei quando o sapo pinotou no chão e virou um velho. Um velhinho bem corcundinha. Aí o camaleão falou para ele: olhe, é hora de nós irmos para casa. Já passou a hora de perigo. Hora de perigo é de onze para doze. Deu uma hora, já passou a hora de perigo. Vamos para nossa casa. E foi embora para a mata, o camaleão. O velhinho deu por fé de mim e veio para onde eu estava: ô, minha filha está aqui! Eu disse: eu estou, tio. E ele: minha filha estava nos vendo ali? Eu disse: estava.

Aí saímos para o caminho. Ele conversando e passando a mão na minha cabeça: minha filha está me conhecendo? Eu respondi: não estou não, meu tio. Ele disse: minha filha não me conhece não, minha filha é dos mais novos, dos bem mais novos. E eu sou dos mais velhos. (Eu pensava que quando nos despedíssemos, eu deveria me lembrar de perguntar como era a graça dele.) Ele continuou: minha filha não está me conhecendo, mas eu estou conhecendo de que família minha filha é. Eu falei: está, meu tio? Ele disse: estou. Minha filha é da

família do finado Pedro Guedes. Eu confirmei: sou neta do finado Pedro Guedes. Aí ele disse: eu o conheço. Agora eu já vou para minha casa.

Já estava chegando hora de se despedir de mim. Então eu falei: eu quero que meu tio me diga como é a sua graça, que eu quero saber. Ele perguntou: minha filha quer saber, minha filha? Eu respondi: quero. Ele então disse: eu me chamo o Caboclo da Tirana.

O nome dele é Caboclo da Tirana. Quer dizer que ele é o Índio.

Aí ele falou: minha filha, eu sou do primeiro século. Nós estamos aqui... Agora aí, ele contou que estava vigiando: minha filha não nos viu ali, eu naquele galho da árvore e o outro que chegou? Nós somos dois vigias. Nós estamos vigiando nossos filhos, porque somos os Antigos e vocês estão para entrar numa luta muito grande. Meus filhos são todos tolos: estão pensando numa guerra. Mas nós temos Deus por nossos filhos e eles têm, também, nós. Nós somos os Antigos, nós estamos todos lutando por eles. Aí eu fiquei muito admirada. Muito abismada.

É muito interessante! É por isso que eu tenho muita fé em Deus. Nós somos tolos, mas há Deus por nós, há nossos antepassados. Nossos Antigos estão todos lutando por nós. Quando nós entramos numa luta, eles estão todos nos adjutorando.

* Gravado, transcrito e adaptado ao português oficial por Erimita Motta.

CARTA DOS PROFESSORES KIRIRI



*América Jesuína da Cruz Batista
Celson de Jesus Santos
José Valdo dos Santos
Maria de Fátima Santos Silva
Mônica Jesus de Souza
Onalvo de Jesus Santos
Solange Jesus Santos*

*Mirandela, 08 de junho de 1995**

“Nós escreve para vocês, para dizer os acontecimentos que aconteceu neste ano de 1995.

*No dia **8 de março** os posseiros se reuniram as três horas da tarde para destruir as roças dos índios, mandados pelas autoridades do Município de Banzaê: prefeito José Ribeiro Leal em seguida, cortaram os arames e atiraram para o lado dos índios. O delegado Pepe com a polícia militar continuaram ameaçando os índios*

*No **dia 9** chegou em Mirandela o Padre Ramos acompanhado pelo delegado Pepe que estava sendo esperado pelos posseiros para decidir o que iam fazer.*

Se dirigiram ao Posto da FUNAI, aí quebraram a porta do Posto, acompanhados tacaram fogo em todas as coisas que tinha dentro, aí foram para casa que os índios estavam morando em Mirandela, foram quebrando as portas e todas as coisas que tinha dentro, ao todo doze casas.

Deixaram os índios só com a roupa do corpo, Padre Ramos chegou também para enfrentar ele se dirigiu a Igreja para celebrar a missa

*mas a gente só ouvia voz de homem, de mulher,
a gente ouvia os fogos era tiro.*

*No **dia 10 de março** a FUNAI chegou para resolver o problema,
ter o depoimento de quem viu a cortagem do arame.
E estamos esperando o resolvimento da FUNAI.*

*No **dia 8 de abril**, dia de sábado um índio que se chamava
João Jesus dos Santos, era mudo e surdo
ele ia as oito horas da manhã e voltava as quatro horas da tarde
para a roça
neste dia ele não voltou, mas tinha ido um irmão com ele
ao meio-dia o irmão ouviu três tiros para o lado da roça que ele
estava trabalhando o irmão Pedro saiu correndo para lá e não
encontrou,
ele tinha saído baleado e foi cair fora da estrada.*

*No **domingo dia 9**, dois índios procurando achou morto e veio
para dizer aos Conselheiros e ao Chefe de Posto, o corpo foi
enviado a Salvador no domingo e terça foi sepultado em
Mirandela pela manhã.*

*No **dia 12 de maio** a FUNAI disse aos índios e não-índios
e falaram para os posseiros que ia começar a desapropriar no
dia 15 de maio.*

*No **dia 15 de maio** o prefeito e o padre Ramos
vieram fazer uma reunião com os posseiros da área indígena e o*

peçoal do município de BANZAË

o prefeito falou que não aceita a desapropriação ao delegado da FUNAI

e disse ao povo que não vendesse suas casas barata e que só aceitasse uma equipe de Brasília do Ministério da Justiça e da FUNAI. Eles fizeram uma comissão de cada povoado do Município de Banzaê,

o prefeito de Banzaê deu três entrevistas na Rádio Regional de Cícero Dantas e na FM de Ribeira do Pombal dizendo que a FUNAI e a ANAÍ que estava botando os índios para brigar com os posseiros mas, isso que eles disseram é tudo mentira.

Porque a gente estamos no que é nosso e ninguém está sendo mandado de ninguém, nem, liderança nem órgão.

Nós índios queremos nosso direitos e apoio dos órgãos do governo.

*No **dia 17 de maio** a FUNAI abriu o pagamento deles mas, muitos não querem receber e outros receberam.*

Nós disse que o prefeito e o companheiro dele não podia fazer e dizer estas coisas devia se juntar com o governo do estado para adquirir o reassentamento para o povo branco da área indígena, porque nós queremos nossa rua livre.

A gente não confia neles

porque pelas coisas que fizeram a gente não podemos viver unidos com eles.

A gente não pode ter a moita pra caça, os materiais de artesanato etc...

No Brasil existe mata só na área indígena porque os índios querem de volta sua mata e tradição.

Nós todos depende da natureza, aí tem político que quer tirar o direito dos índios no Brasil.

*No **dia 20 de maio** a segunda reunião tinha mais de quatro mil pessoas*

dos povoados que estão na reserva indígena.

O prefeito falou que tinha ido a Brasília e falou com o Ministério da Justiça

disse que o Ministério da Justiça está envolvido no problema e ele falou para as pequenas lideranças estão aí para fazer os pagamentos,

não aceite minxaria porque as suas benfeitorias não vale este preço.

Há mais de trezentos anos que vocês vivem aqui neste povoado nós nunca vimos discriminação

porque está existindo os índios na frente da igreja, os índios não tem culpa a culpa está nos membros da FUNAI e da ANAÍ

porque eles ficam botando os índios na frente da igreja.

Porque eles não ficam na frente, agora ficam botando os índios na frente.

*No **dia 25 de maio** a terceira reunião,*

O padre Ramos veio celebrar a missa do Senhor Assunção com mais de seis mil pessoas.

A Polícia Federal chamou o padre para conversar com os Conselheiros no Posto para dizer que ele não ia celebrar a missa.

Porque a Igreja não ia ser aberta nem para índio nem para branco,

o Padre teimoso foi celebrar a missa no meio da rua.

Os posseiros quando o padre veio falar com o cacique eles queriam insistir com a Polícia Federal e a PM

os índios não comemoraria

mas também não queria que eles também comemorasse.

Se viessem podia a FUNAI trazer caixão para os índios e o prefeito trazer caixão para os brancos.

*No **dia 2 de junho** os posseiros esburacaram a estrada que liga Ribeira do Pombal e vai para a Fazenda Picos e a estrada que vai para Cacimba Seca*

eles acusaram os índios dizendo que foi os índios que esburacaram a estrada.

O Delegado falou para o Chefe falar para os índios entupir porque foi eles quem esburacaram.

O chefe veio falar com os índios para nós entupir as estradas

porque os brancos disseram que foi vocês quem esburacaram.

No **dia 3 de junho** um funcionário da FUNAI foi a Ribeira do Pombal.

Quando foi as seis horas ele vinha de volta com o carro da FUNAI

quando foi no meio do caminho, ele avistou um carro parado quando ele olhou para a frente

uma pessoa que vinha em sua direção chegou perto de Pedrinho e falou : – Oi rapaz !, você pela aqui uma hora desta, não tem medo não ?

- Ali tem um carro lhe esperando para te matar.

Pedrinho falou para ele, - então é você que quer me matar?

- Então pula aqui porque quem vai morrer é você, o indivíduo não perdeu tempo e saiu correndo.

No **dia 7 de junho** os posseiros derrubaram o muro do colégio de Mirandela porque é do governo, se destruiu nós quer de volta.

Já estamos no meio do ano e estamos sem escola, não temos material escolar foi tudo queimado que estava no Posto.

Também aqui onde nós estamos não temos lugar de funcionar as sete sala de aula das três comunidades e botar a criançada.

Aqui está ruim, nós não pode sair para comprar fora nem alimentação” .

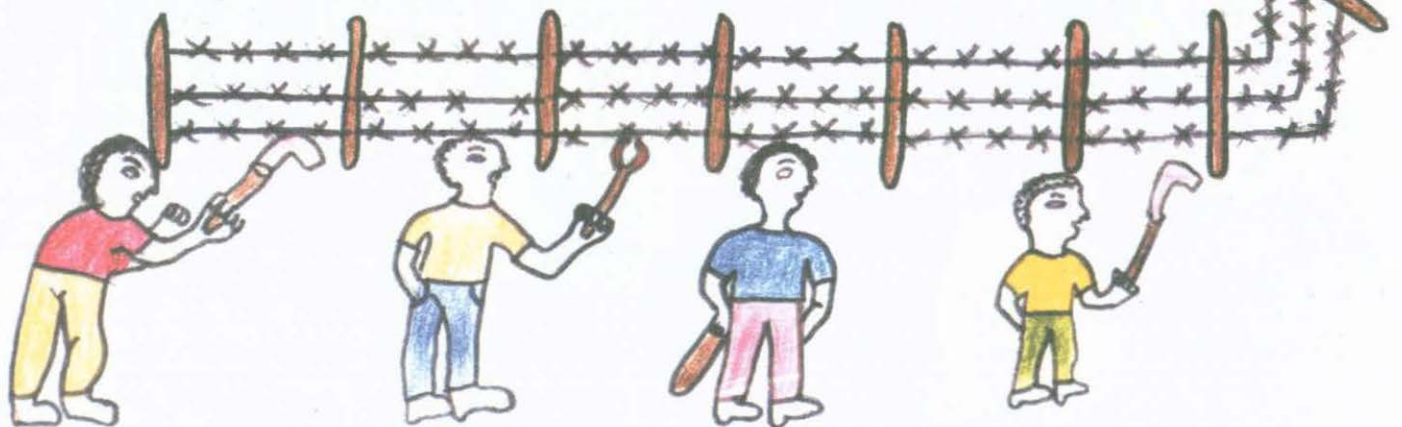
**Carta recebida por Clélia Neri Côrtes em junho de 1995.*

HISTÓRIA ILUSTRADA

América Jesuína Kiriri



Aqui foi quando começou a revolução de
Mirandela: os índios cercaram (uma área)
e os brancos cortaram o arame.



Depois que os posseiros cortaram o arame e deram vários tiros, foram ao posto da FUNAI, tiraram de dentro o funcionário. Depois chegou o delegado e o sargento Pepe para queimarem o posto: deram vários tiros e depois incendiaram o posto.

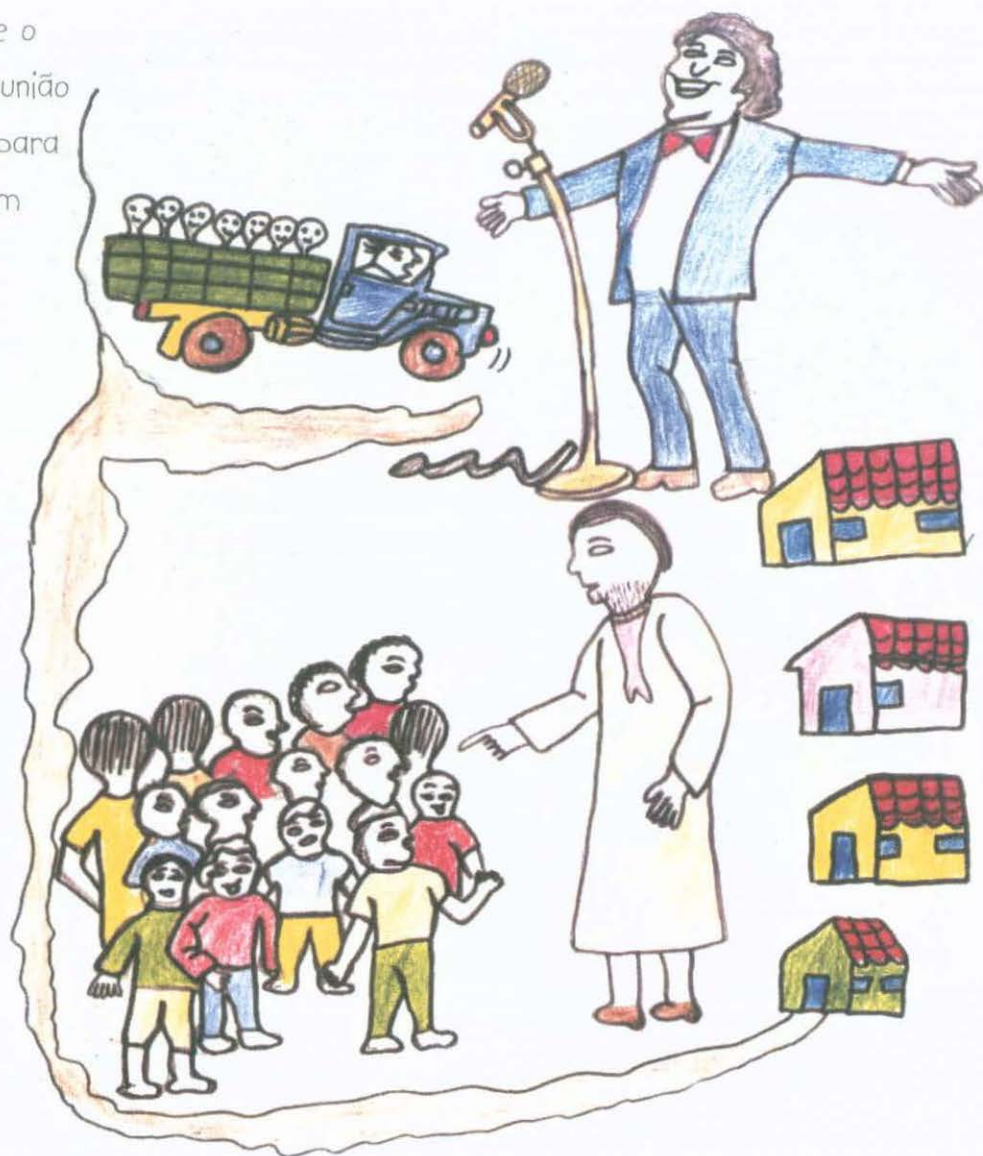




Aqui são os índios e os posseiros que estão frente a frente. Os posseiros colocaram uma corda para os índios não passarem para a praça. Gritavam e vaiavam os índios. Fecharam o mercado os mercadinhos e as padarias para não venderem nada para os índios morrerem de fome.



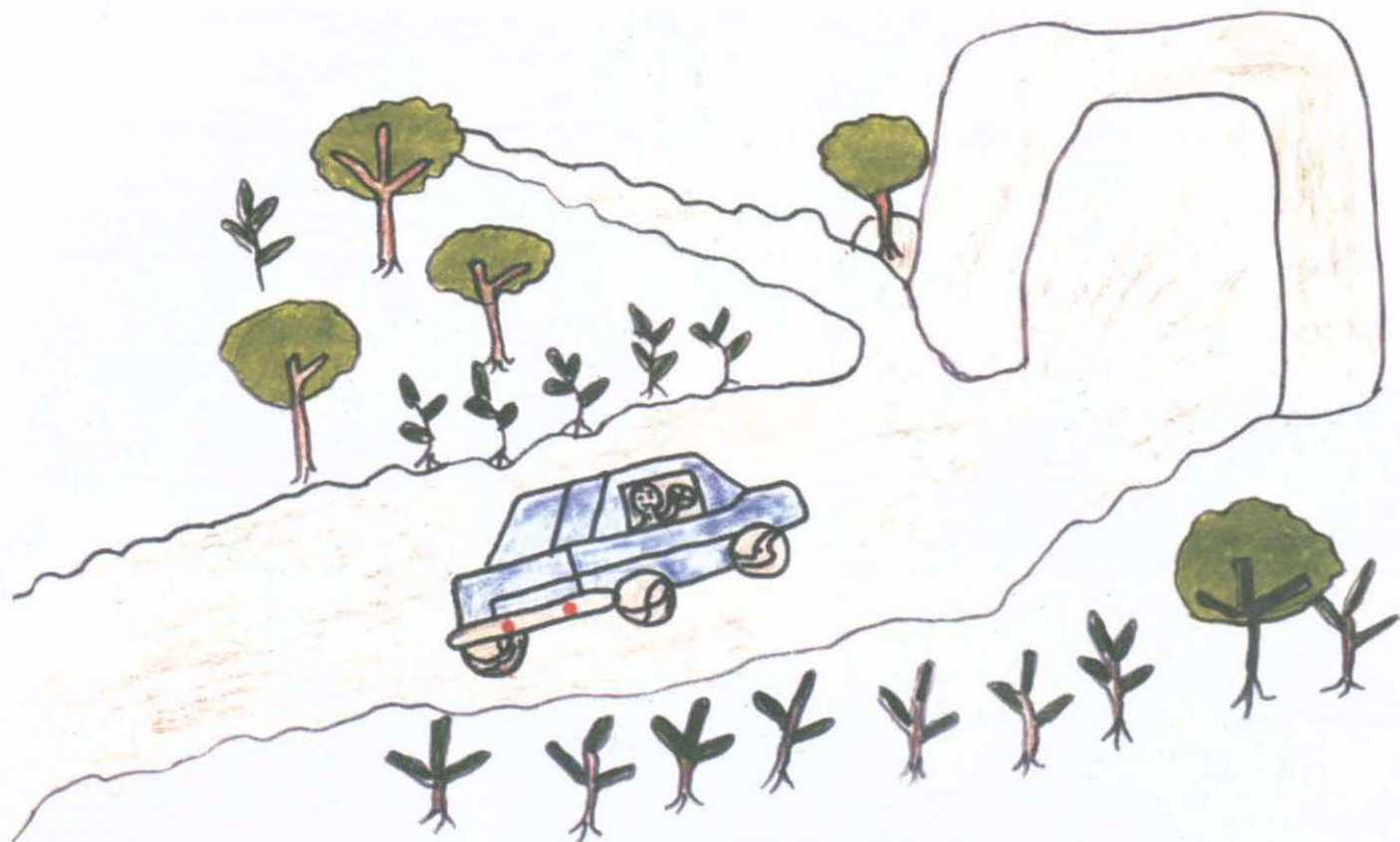
O prefeito de Banzaê e o
padre Ramos fazendo reunião
junto com os posseiros para
atacarem os índios em
Mirandela.





O padre Ramos foi até onde os índios estavam, procurando ter uma conversa particular com o cacique Lázaro. Aí os índios se revoltaram e desconfiaram que ele estava armando uma treita. Avançaram no padre e rasgaram um pedaço da batina. Outros amassaram o carro dele.





Aqui o padre não voltou mais por onde ele tinha vindo. Já tentou fugir pelo corte do Arasto, passando por Marcação e foi sair em Mirandela, avisando à Polícia Federal que os índios o tinham agredido. Mas nada foi feito pelo padre, pois ele entrou sem permissão do chefe e dos policiais.

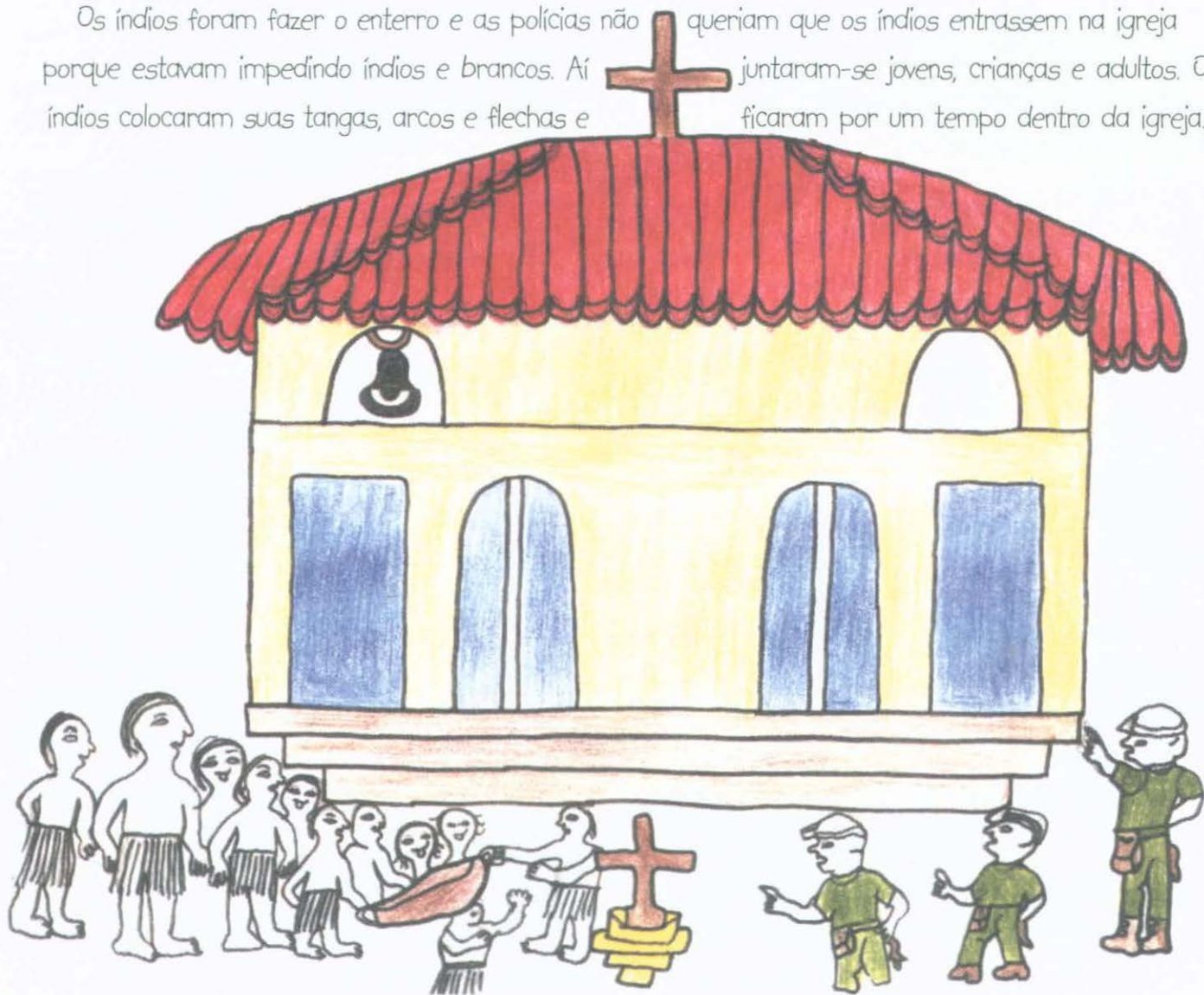




Depois de muita luta e sofrimento dos índios, o índio João, surdo e mudo, da aldeia Cacimba Seca, foi morto. Ele tinha o costume de ir todo dia olhar a roça dele: ia de manhã e voltava à tarde. Quando foi no dia 8 de abril, João não voltou mais. Aí foram uns índios procurá-lo quando o encontraram morto em sua roça.



Os índios foram fazer o enterro e as polícias não queriam que os índios entrassem na igreja porque estavam impedindo índios e brancos. Ai juntaram-se jovens, crianças e adultos. Os índios colocaram suas tangas, arcos e flechas e ficaram por um tempo dentro da igreja.



Índios Kiriri pulando toré em frente da igreja de
Mirandela. Depois de conversarem com posseiros e
várias entidades como FUNAI, ANAI, INCRA,
INTERBA etc, índios festejaram a sua comemoração
no dia 13.11.95, depois de muito sofrimento



DATAS NA HISTÓRIA DA NAÇÃO KIRIRI (1549 - 1995)

(lembradas na festa da vitória da Reconquista de Mirandela)

Jean Lacrevez

1549 - Foi fundada a cidade do Salvador da Bahia.

1550 - Começou a construção (concluída em 1620) da Casa da Torre Garcia d'Ávila no litoral da Bahia, no lugar chamado hoje Praia do Forte. É daí que Francisco Dias d'Ávila e Garcia d'Ávila vão perseguir os índios durante quase um século.

1557 - Milhares de índios viviam nas praias do Nordeste, trocando bens com os viajantes da Europa que se aproximavam das praias com seus navios.

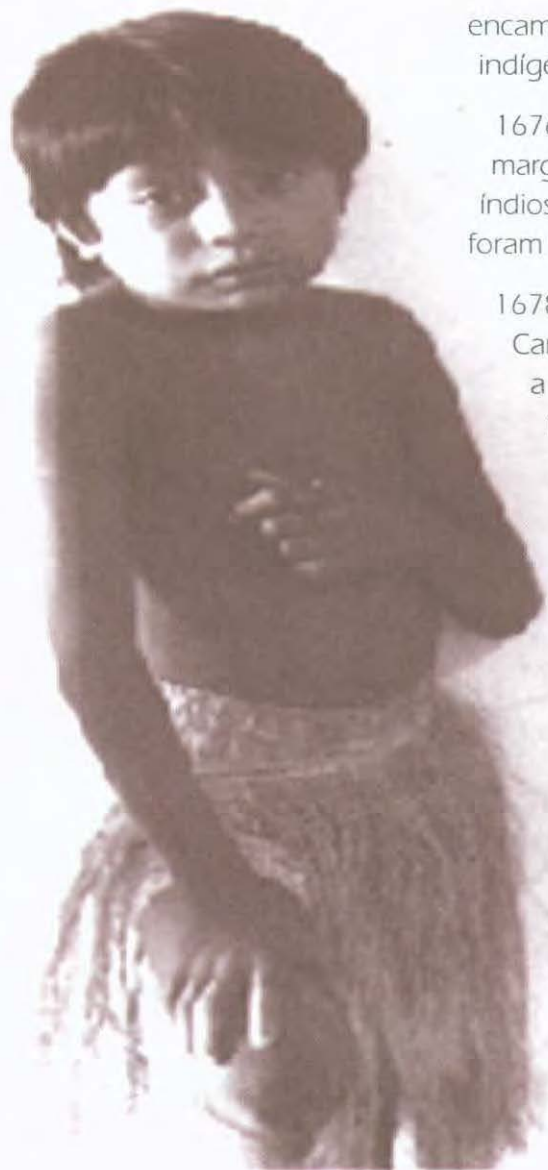
1583 - 4.000 a 5.000 índios, apertados pela seca e pela fome, desciam do sertão para o litoral.

1642 - Os capuchinhos franceses chegaram a Pernambuco e, a partir de 1670, assentaram aldeias indígenas nas margens do Médio São Francisco.

1656 - Os jesuítas portugueses e italianos penetraram nos sertões até as Jacobinas (hoje cidade do Bonfim) e encontraram várias nações indígenas. Aos poucos, assentaram várias aldeias indígenas, no chamado Caminho do Meio (de Salvador para Paulo Afonso). O Saco dos Morcegos foi uma delas.

1669 - Francisco Dias d'Ávila destruiu a sede das aldeias de Itapicuru, Maracacara e Jeromoabo. Os jesuítas





encaminharam ao rei de Portugal o pedido de criação das reservas indígenas em léguas quadradas.

1676 - Francisco Dias d'Ávila travou a guerra do rio Salitre, nas margens do São Francisco, acima de Juazeiro, matando uns 500 índios que tinham entregue suas armas. Suas mulheres e filhos foram levados como escravos.

1678 - Incentivados pela vitória do Salitre, os portugueses de Canabrava (Ribeira do Pombal) levaram o governador da Bahia a travar outra guerra contra os índios de Canabrava. Apesar de terem deposto as armas, 180 índios foram mortos. Graças às ações dos capuchinhos e jesuítas, foi negado aos portugueses, pelo Tribunal de Salvador, o direito de prender as mulheres e os filhos como escravos.

1700 - Em 23 de novembro, o rei de Portugal, através de um alvará, mandou que se desse às aldeias indígenas uma légua de terra em quadra para sua sustentação. O rei confirmou essa doação em 1703.

1758 - No período de expulsão dos jesuítas, a administração colonial quis apagar a história dos índios Kiriri: a aldeia "O Saco dos Morcegos" perdeu o seu nome para ser chamada de Mirandela.

1759 - No contexto da perseguição e exílio dos jesuítas, por confisco, grande parte dos bens das aldeias jesuítas e os seus escravos lhes foram retirados. Assim, foi posto fim à organização e produção econômicas dessas aldeias. A fazenda Saco dos Morcegos é uma delas.

1861 - Foi criado o município de Ribeira de Pombal ao qual passou a pertencer a aldeia de Mirandela.

1897 - Os Kiriri perderam na guerra de Canudos parte de seus pajés e sua própria língua.

1947 - Em 20 de maio , o padre Renato Galvão mandou uma carta ao posto indígena Paraguacu, do Serviço de Proteção ao Índio. Pedia-lhe apoio para os índios Kiriri de Mirandela, frente às violências dos brancos invasores da Reserva. Ele lembrou a lei da Terra de 1700.

1949 - Foi criado o posto do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em Mirandela.

1974 - Uma caravana de 135 Kiriri, se deslocou para a área dos índios Tuxá, com a finalidade de reencontrar o ritual ancestral do Toré.

1982 - Centenas de índios Kiriri acamparam na fazenda Picos no interior da reserva já demarcada.

1990 - Em 15 de janeiro, o presidente Sarney publicou o decreto de homologação do Octógono Kiriri.

1995 - Os não índios de Mirandela deixaram aos poucos as casas da aldeia e índios Kiriri tomaram posse da sua capital histórica, o Saco dos Morcegos, na festa da vitória do 11 de novembro.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Gilda Maria Correa de. *Língua Kiriri: descrição do dialeto kipea*. (Tese de Mestrado) Universidade de Brasília. Biblioteca Central, Serviço de Coleções Especiais, 1965.
- BOLETIM ANAI – BA. nº 10 e 11, 1993.
- BOLETIM ANAI-BA nº 16/17, jan a nov, 1995.
- CAEIRO, José. *Jesuítas do Brasil e da Índia na perseguição do Marquês do Pombal*. Baía, Salesiana, 1936.
- DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. 16.01.90.
- ESTUDOS BAIANOS nº 6. Salvador. Universidade Federal da Bahia. Maria de Lourdes Bandeira. *Os Kiriri de Mirandela*.
- LEITE, Serafim. *História da companhia de Jesus*. Rio de Janeiro. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro. 1949. Tomo 5.
- LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*. 1578. Collection Livre de poche, 2^e édition. Librairie Générale de France. 1994.
- MAMIANI, Luiz Vincencio. *Catecismo Kiriri*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942.
- _____. *Arte de Gramática da língua brasílica da Nação Kiriri*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- NANTES, Martin. *Relação de uma missão no rio São Francisco*. 1707. Tradução de Barbosa Lima Sobrinho. Companhia Editora Nacional – MEC. 1979. (Brasilliana, nº 368)
- REGNI, Pietro Vittorino. *Os capuchinhos na Bahia*. Salvador. Edições Paulinas. 1988. Tomo 1.
- REVISTA CULTURA. nº 1. *O índio na Bahia*. 1989.
- REVISTA MUSEU DO ÍNDIO nº 1. Set 1976. Rosália Lélia. *O posto indígena de Mirandela*.
- REVISTA MUSEU DO ÍNDIO. nº 1. Set 1976.
- Texto manuscrito da professora Kiriri América Jesuína da Cruz Batista, 1998.

BIBLIOGRAFIA DISPONÍVEL SOBRE OS KIRIRI



AZEVEDO, Gilda Maria Corrêa de. *Língua Kiriri: descrição do dialeto Kipeá*. Brasília, 1965. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto Central de Letras, Universidade de Brasília, 1965.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. *Os Kariri de Mirandela: um grupo indígena integrado*. Estudos Baianos, Salvador, v.6, UFBA, 1972.

BRASILEIRO, Sheila. A organização política e o processo faccional no povo indígena Kiriri. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas-UFBA, Salvador, 1996.

CÔRTEZ, Neri Clélia. *A educação é como o vento: os Kiriri por uma educação pluricultural*. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação - UFBA. Salvador, 1996.

MAGAL, Luís C.M. *A música de um povo calado*. Salvador, 1994. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música da UFBA. 1994.

MAMIANI, P. Luis Vincencio. *Arte de gramática da língua brasileira da nação Kariri*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1877.

_____. *Catecismo Kariri*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1942.

NASCIMENTO, Marco de S. N. *O tronco da jurema*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFBA. Salvador, 1993.



RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. O artigo definido e os numerais na língua Kiriri - Vocabulário Português - Kiriri, Kiriri - Português. *Arquivos do Museu Paranaense*, Curitiba v. 2, n. 10, p. 179-212, 1942.

ROSALBA, Lélia. O posto indígena de Mirandela. *Boletim do Museu do Índio*. MINISTÉRIO DO INTERIOR- FUNAI Rio de Janeiro, n. 01, set. 1976.

SARMENTO, Paulo Souza. Atitudes e representações diante da morte: alguns elementos para a definição da concepção de morte dos Kiriri de Mirandela. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFBA, Salvador, 1997.

HISTÓRIA DA RECONQUISTA DE MIRANDELA

Projeto de Formação para o Magistério Indígena na Bahia

Universidade Federal da Bahia / MEC
Salvador - Bahia - 1999